

Ciência para o grande público na imprensa brasileira: o caso das colunas científicas do Jornal *A Manhã*

Science for the general public in the Brazilian press: the case of the scientific columns of the newspaper A Manhã

LUIZ MORS CABRAL

Universidade Federal Fluminense | UFF

RESUMO Este artigo analisa a trajetória das colunas de divulgação científica publicadas no Jornal carioca *A Manhã*, de 1941 a 1949, mapeando seus temas, identificando seus autores, e analisando a importância e os desdobramentos desse espaço para a divulgação científica brasileira.

Palavras-chave divulgação científica – jornais – Brasil

ABSTRACT *This article analyzes the trajectory of the scientific dissemination columns published in the Brazilian newspaper A Manhã, from 1941 to 1949, mapping its themes, identifying its authors, and analyzing the importance and developments of this space for Brazilian scientific dissemination.*

Keywords *scientific communication – newspapers – Brazil*

201

Introdução

No dia 9 de agosto de 1941 chegava às ruas a primeira edição do diário carioca *A Manhã*. De posição abertamente governista, o periódico foi criado pelas Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, por ordem expressa do então presidente Getúlio Vargas, que enfrentava dificuldades com a imprensa, apesar da censura oficial que impedia posições exageradamente oposicionistas. Para a estruturação dessa peça estratégica de comunicação, Vargas convidou como diretor geral o escritor Cassiano Ricardo, tanto por sua experiência editorial como por sua influência nos meios intelectuais. Cassiano preenchia todas as condições requeridas para conduzir o jornal: era o líder do movimento Bandeira, uma organização fortemente nacionalista, que defendia um Estado forte, porém rejeitava o molde fascista adotado pelos integralistas. Nas próprias palavras de Cassiano Ricardo “O integralismo é contra a liberdade individual, como acontece nos países de regime totalitário; a “Bandeira” é pela valorização do brasileiro como indivíduo e como ser social; [...] o integralismo é contra a democracia, porque é pela ditadura; a “Bandeira” é pela democracia e mais propriamente por uma democracia social nacionalista.”¹

Em 24 de maio de 1941, cerca de dois meses e meio antes do lançamento do primeiro número, Cassiano Ricardo assumiu a chefia do novo jornal e começou a montar sua equipe. Apesar de sua linha editorial subordinada ao Estado, Cassiano vê no diário um espaço para “os valores da inteligência”, e aproveitando-se de seus conhecimentos nos círculos intelectuais, conseguiu incorporar vários nomes conhecidos do ambiente intelectual e artístico da época à equipe do jornal, como Cecília Meireles, Afonso Arinos de Melo Franco, José Lins do Rego, Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes².

Desde seus primeiros dias a linha editorial do jornal buscava um caráter didático, explicando o que seria o regime do Estado Novo quando estivesse definitivamente organizado, e defendendo sistematicamente o manifesto Vargasista e a Carta Constitucional de 1937. Apesar desse posicionamento político de suporte irrestrito ao governo, *A Manhã* se vale de seu time de intelectuais para assumir um papel de disciplinador da vida intelectual brasileira. De sua editoria de cultura saíram dois suplementos de peso: o primeiro, *Autores e Livros*, e o segundo, *Pensamento da América*, possuíam diagramação moderna para os padrões da época e propagavam uma visão bastante livre de cultura, especialmente para um jornal tão alinhado ao governo³. Ao longo dos anos a editoria de cultura acabou perdendo grande parte de seus principais nomes, especialmente após as primeiras crises do Estado Novo. Em outubro de 1943, com a crise instaurada pelo lançamento do Manifesto dos Mineiros, primeira manifestação ostensiva de oposição ao regime, diversos colaboradores de *A Manhã* se posicionaram contra o governo e foram demitidos, como Afonso Arinos de Melo Franco, José Lins do Rego, Gilberto Freire e Manuel Bandeira. Os suplementos culturais de *A Manhã* foram analisados de forma pormenorizada no trabalho de Ademir Dermachi⁴.

Além do trabalho inovador no campo do jornalismo cultural o jornal trazia outro aspecto digno de nota: a presença de um espaço voltado exclusivamente para a divulgação científica. A coluna *Resenha Científica*, que mais para frente seria renomeada como *Nota Científica*, acompanharia o jornal ao longo de toda a década de 40. Através de pesquisas nos arquivos eletrônicos da Biblioteca Nacional, disponíveis para consulta em sua hemeroteca digital, analisamos todas as 309 colunas de divulgação científica publicadas em *A Manhã* entre 1941 e 1949. Nesse artigo vamos discutir a trajetória dessas colunas, buscando posicioná-las no contexto intelectual da época, mapear seus temas e identificar a importância que elas tiveram em iniciativas posteriores, e mais ousadas, de comunicação científica.

A divulgação científica brasileira no início do século XX

Nos primeiros anos do século XX, a atividade científica desenvolvida no Brasil era extremamente incipiente. Havia, é claro, alguns centros como o Jardim Botânico, o Observatório Nacional, o Museu Nacional e a Fundação Oswaldo Cruz, onde se fazia ciência, mas suas atividades eram conduzidas de forma bastante utilitarista. A comunidade científica era pequena e formada basicamente por estrangeiros residentes no Brasil, ou alguns poucos brasileiros de família abastada, retornados de seus estudos na Europa. O Brasil carecia então de “setores sociais significativos que atribuíssem à atividade científica um valor e uma importância que justificasse seu interesse e seu investimento”⁵.

A partir dos anos 1920, nota-se um crescimento das atividades de divulgação científica na cidade do Rio de Janeiro⁶. Professores, cientistas, engenheiros, médicos e outros profissionais liberais, ligados às principais instituições científicas e educacionais do Rio de Janeiro começaram a organizar atividades de difusão da ciência, certamente como uma estratégia de fortalecimento da própria atividade científica. Um fato determinante para a divulgação científica nesse período foi a criação da Sociedade Brasileira de Ciências, em 1916, que seis anos mais tarde, em 1922, seria rebatizada como Academia Brasileira de Ciências (ABC).

A ciência começava, lentamente, a ganhar espaços no dia a dia brasileiro. Artigos, livros, programas sobre ciências nas rádios e colunas nas revistas passavam a ser mais comuns. Nos jornais a cobertura acontecia, mas não era sistemática. Não existiam espaços permanentes dedicados à divulgação de ciência, mas grandes eventos, como as visitas ao Brasil de Einstein em 1925 e Marie Curie no ano seguinte, não passavam despercebidos e eram acompanhados pela imprensa⁷.

A divulgação científica começa a ganhar importância maior com o estabelecimento do Estado Novo, em 1937. Com a ideia de um Brasil próspero, independente, e com os ideais nacionalistas propagandeados pelo regime, a ciência aparecia como ferramenta para a superação do subdesenvolvimento brasileiro. O regime de Vargas passa a investir em novas formas de divulgação científica, e surge o Instituto Nacional de Cinema Educativo, que produziria mais de uma centena de filmes nas décadas seguintes.

Desde 1934, com a criação da Universidade de São Paulo (USP), começa a surgir no Brasil um ambiente intelectual mais refinado que em décadas anteriores, que demandava cada vez mais informações sobre ciência. Logo o Brasil teria seu grande nome da divulgação científica: o médico e microbiologista José Reis, professor da Universidade de São Paulo. Reis foi o nome mais importante da divulgação científica brasileira, além de ter sido extremamente prolífico: escreveu livros, roteirizou programas de rádio, e manteve uma coluna de divulgação científica na *Folha de São Paulo* até o fim da sua vida, em 2002⁸.

As colunas de Ciência no Jornal *A Manhã*

Primeira fase (1941-1945)

A *Manhã* surge em um contexto de crescente interesse pela ciência. Se os círculos científicos já se organizavam para divulgar ciência desde a década de vinte e o Estado Novo dava à ciência brasileira o *status* de “ponte para o futuro”, a segunda guerra também colocava a ciência nos holofotes. Novas armas, comunicações de rádio, equipamentos capazes de decifrar mensagens cifradas, a luta por medicamentos, eram temas frequentes nos noticiários. Esse cenário justifica a presença da primeira coluna *Resenha Científica* já na segunda edição do jornal, no dia 10 de agosto de 1941 (Figura 1).

Essa primeira coluna demonstra de forma didática o tipo de divulgação científica a que se propunha. O texto curto, totalizando somente 22 linhas de coluna simples, trata de um tema bastante genérico: o que se pode aprender observando a natureza. Intitulada simplesmente de “Curiosidades”, é de fato muito mais uma peça pitoresca, trazendo

um fato interessante, do que uma coluna de ciência.

O texto traz o exemplo da sangria, uma modalidade de intervenção médica que estabelece a retirada de sangue do paciente como tratamento de doenças, e atesta que já os hipopótamos praticavam, instintivamente, tratamento similar, ferindo-se com sua presa quando se encontram doentes. Esse fato curioso não é acompanhado de uma explicação sobre a eficácia, ou o mecanismo de ação desse tratamento. Não analisa seu uso histórico, indicações ou efeitos colaterais. A coluna limita-se a falar sobre uma curiosidade em torno da sangria.

É interessante perceber que tanto acima quanto ao lado da coluna, nesta primeira edição, existem dois anúncios de medicamentos. De fato, a *Resenha Científica* viria frequentemente acompanhada de propaganda de remédios. Uma busca nas edições onde isso ocorre indica que esse posicionamento não era aleatório, mas sim resultado de uma estratégia editorial: em edições do jornal onde a *Resenha Científica* aparece, todos os anúncios de medicamentos estão posicionados nas proximidades da coluna (Figura 1). Isso indica que a editoria do jornal valorizava o espaço da coluna e acreditava que ela trazia credibilidade científica junto aos leitores.

Coqueluche? Figomel
ÓTIMOS RESULTADOS

RESENHA CIENTÍFICA
CURIOSIDADES

Todo animal que quiser aprender alguma coisa, tem o hábito de o fazer a cada momento de sua vida...
O indivíduo mais ignorante nos pode ensinar algo que não sabemos...
Até os animais, observados com atenção, têm ocasião de se tornar bons professores. A curiosidade de seus filhos, com o fito apenas de protegê-los contra os ventos e de expor-lhes os filhotes ao sol, é um tipo de sabedoria instintiva.

Quantos ensinamentos recebemos dos insetos!

AM a sangria, hoje tão usada nos ginecórios e hospitais, é um tratamento que nos foi proporcionado pelo hipopótamo.

Esta mamífero, achando-se enfermo sangra-se com a sua presa.

Fez, pois, o hipopótamo o invento da sangria.

COMO os mocinhos de Recife, que se estão desesperando sob os imperativos de uma população socialmente humana, de nossa tão famosa favela, que tanta curiosidade e tanto lirismo doentio suscitam, principalmente de tardes chuvosas e "bela", irão também abastecer-se de pouco tempo.

Eles põem, de fato, uma nota de tom na balança pontonômica da cidade ilustre.

Mas não é apenas esse chocante contraste que aqui desejamos fazer. Fim de linha meritoso do seu programa de ação pública, o governo acaba de recomendar ao prefeito Ildefonso Fontenari o arrendamento e substituição das favelas. E neste alto sentido já existe um plano, cuja execução solucionará um problema de fato crônico pela consideração dos seus aspectos sociais e humanos.

A execução dos favelas, nos métodos substituídos por colônias higiênicas e áreas dentro das quais a vida se tornará menos penosa e, ao para questões mais habituais, tem o caráter de política social do governo, demonstrando ao mesmo tempo os seus excelentes cuidados pelo norte das classes necessitadas.

O problema, nos seus propósitos, bem merecia que assim o encarasse o Presidente Getúlio Vargas.

E, visando, de certo, dar-lhe uma solução mais consagrada com os grandes interesses em jogo, o governo decidiu acertadamente, fazer a Prefeitura ajudada pelas Instituições de Previdência recomendar.

O alcance desse método não encapa a inteligência e a justiça brasileira, pois dá-se o firme polo sentido da solidariedade humana que a dita e estreita.

O desaparecimento das favelas com o governo nos dá credência e gratidão aos brasileiros.

ATEBRINA
O medicamento com o qual se consegue combater a energia foi a ATEBRINA, um dos melhores medicamentos sintéticos contra a malária, com a CRUZ BAYER, os quais têm tido a maior reputação nos meios científicos internacionais e têm dado provas das suas admiráveis ações.

CRUZ BAYER

Figura 1 – Primeira coluna *Resenha Científica*, na edição de número dois do jornal *A Manhã*, de 10 de agosto de 1941. Note a presença dos anúncios de medicamentos acima e ao lado da coluna. Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>).

Apesar dessa credibilidade, a coluna não aparecia no jornal em dias específicos. Ao longo do ano de 1941, ela esteve presente 33 vezes no jornal, sempre com temas diversos, que transitavam desde assuntos de física (raios cósmicos, na edição de número 5) até assuntos mais populares, como nutrição ou diabetes. As primeiras 18 aparições da coluna não são assinadas, e não se pode afirmar se eram escritas por autores diferentes. No entanto, a partir de 12 de outubro de 1941, a autoria começa a ser creditada à Túllio Chaves, que contribuiria um total de 135 vezes com a coluna (Tabela 1).

O Museu da História da Medicina do Rio Grande do Sul⁹ atesta que Túllio Sabóia Chaves, nascido em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul em 27 de novembro de 1894 formou-se Doutor em Ciências Médicas pela Universidade de Genebra, na Suíça, em 1917. De volta ao Brasil fixou residência na Capital e tornou-se professor da Escola Médica Cirúrgica do Rio de Janeiro. Além de médico e cientista, o Dr. Túllio era cronista e poeta, e notabilizou-se por suas colaborações com a imprensa. A coluna social do Jornal “A Noite”, em sua edição de 27 de novembro de 1942 celebra da seguinte forma o aniversário do Dr. Túllio: “Faz hoje anos o Dr. Túllio Sabóia Chaves, figura das mais distintas dos círculos médicos e jornalísticos desta capital, autor de trabalhos que lhe granjearam brilhante nomeada, entre os quais o livro “como se deve curar”, em cujas páginas a erudição profissional e um senso filosófico se casam com uma fina sensibilidade literária...”¹⁰.

É possível que o Dr. Túllio tenha escrito algumas das primeiras colunas que não foram assinadas. É o que sugere a coluna do dia 20 de setembro de 1941, onde se relata uma sessão ocorrida na Academia Brasileira de Medicina. O Dr. Túllio assinaria diversas colunas similares, relatando as novidades proferidas nas sessões não somente a Academia de Medicina, mas também na Sociedades de Cirurgia e na de Pediatria. Mas certamente o Dr. Túllio não era o único responsável pela *Resenha Científica* em suas primeiras edições. Na edição de domingo, 21 de setembro de 1941, por exemplo, a coluna intitulada “Diatermia” explica as novas terapias, para diversas doenças, baseadas no calor gerado por ondas eletromagnéticas. A coluna aproveita o assunto para divulgar o livro “como se deve curar”, recentemente lançado pelo Dr. Túllio Chaves. Repercutindo uma resenha elogiosa que o livro teve no jornal *A Noite*, do mesmo grupo editorial de *A Manhã*, a coluna diz que “O Dr. Nicolau Ciâncio, antigo colaborador de *A Noite*, publicou neste vespertino elogiosas referências ao livro “Como se deve curar”, de autoria do Dr. Túllio Chaves, nosso companheiro de trabalho...”¹¹. Deduz-se portanto que o colunista desta ocasião não era o Dr. Túllio.

É provável que em seu início a coluna fosse escrita por diferentes pessoas, e que houvesse outras pessoas ligadas à ciência na equipe, já que algumas colunas sem autoria tratam de temas científicos usando jargões de especialistas e tratando de assuntos específicos. A coluna do dia 07 de setembro de 1941, intitulada “Apicetomia”, trata de um procedimento odontológico e explica que ele é “a remoção cirúrgica dos ápices radiculares de dentes portadores de lesões periapicais”. Uma explicação decerto pouco didática, e que dificilmente teria sido feita por um jornalista. Outras edições, no entanto, tratam de assuntos muito pouco ligados à ciência e com abordagens muito mais simples. As colunas de 09 e 10 de outubro de 1941, uma continuação da outra, intituladas “Ditadura da Moda” tratam dos duvidosos benefícios de não se usar chapéu como forma de evitar a calvície, os cabelos brancos e as dores de cabeça. É uma coluna que fala quase nada sobre ciência, dedicando-se bastante ao fato de que o chapéu, item até então obrigatório no vestuário masculino, começava a ter sua utilidade questionada. A coluna de 21 de setembro trata dos perigos de se criar um filho único, e de como a criança nessas condições tende a ser mimada. Em suas primeiras edições, portanto, os temas e os estilos da coluna eram muito heterogêneos. Certamente havia um rodízio de escritores responsáveis pela autoria, e nem todos eram necessariamente cientistas.

Logo o Dr. Túllio Chaves assumiria definitivamente a autoria da coluna, se mantendo como titular até 1945, escrevendo um total de 134 colunas *Resenha Científica*. Apesar disso, a coluna seguiu tratando de temas bastante diversos. Muitas vezes o Dr. Túllio simplesmente relatava os assuntos tratados nos encontros das sociedades médicas. São colunas simples, onde se anuncia de forma muito breve quem foram os oradores e o tema de suas palestras. Em algumas edições, no entanto, a coluna tratou de temas muito novos no campo científico, em uma demonstração clara de que o Dr. Túllio, além de frequentador das sessões das academias de medicina, era também leitor de periódicos de ciência. Em 4 de fevereiro de 1942 a coluna fala com profundidade sobre diferenciação celular (esse era de fato do

título de coluna), um tema ainda bastante obscuro, e que só iria ganhar impulso com as teorias sobre regulação gênica mais de uma década depois. Em 9 e 13 de abril de 1942, duas colunas em sequência com o mesmo título (cultivo de tecidos) retomava essa temática, propondo aplicações extremamente novas para a cultura de células. Nessas ocasiões a coluna funcionava de fato como uma ferramenta de divulgação das possibilidades da ciência, e buscava deixar o leitor à par do que de mais moderno estava acontecendo nos grandes centros de pesquisa do mundo. No entanto, mesmo sendo claro que a coluna se baseava em artigos científicos da época, não existe citação aos artigos ou às revistas no texto da coluna. Isso parece evidenciar uma estratégia do Dr. Túllio de trazer as novidades científicas para perto do leitor, excluindo as referências a revistas estrangeiras.

Por outras vezes percebe-se uma tentativa clara de aproximar a coluna do leitor não-cientista, tratando de temas de interesse geral como nutrição, dicas de saúde ou casos de erros médicos, que sempre tiveram grande apelo popular. Na coluna de 3 de janeiro de 1942 intitulada Desmancho, Túllio descreve a curiosa história de uma funcionária do próprio jornal *A Manhã*, que sofrendo de uma enfermidade no tornozelo e não encontrando alívio na medicina tradicional, é finalmente tratada com sucesso por um massagista sem qualquer formação médica, um autêntico representante do conhecimento popular: “É que os médicos, acostumados a verem em tudo o mais complicado, muita vez esbarram em um pequeno detalhe que escapa ao seu conhecimento ultra técnico. E o Charlatão, apenas com bom senso, lhe dá cuidados elementares”. Essa é uma característica presente em diversas colunas escritas pelo Dr. Túllio: se por vezes ele fala aos médicos ou cientistas, em outras ocasiões busca humanizar o médico, colocando-o em uma posição de fragilidade diante do conhecimento de um “popular”. Algumas colunas, no entanto, trazem de fato muito pouca ciência. A coluna de 27 de fevereiro de 1942 fala sobre o escritor Stefan Zweig, que havia se suicidado 4 dias antes em Petrópolis. As duas colunas seguintes, dias 3 e 4 de março de 1942, também não trazem conteúdo científico, tratando de um conto do escritor Anatole France sobre um indivíduo imortal.

É curioso que entre os anos de 1941 e 1945, quando decorria a segunda guerra, a coluna tenha se referido pouquíssimas vezes ao conflito mundial. Apesar do Brasil ter aderido aos aliados somente em 1944, a guerra era acompanhada avidamente pela imprensa nacional. Em todas as edições de *A Manhã* no período, são incontáveis os artigos trazendo informações sobre as batalhas e seus desdobramentos. Mais que uma mera cobertura jornalística, a guerra passa a fazer parte do imaginário popular na capital brasileira. Na edição 560 do jornal, datada do domingo 06 de junho de 1943, na mesma página da *Resenha Científica* encontramos o resultado de uma loteria onde o participante vencedor era aquele que acertasse o número total de aviões abatidos na guerra no mês anterior. Essa loteria que esteve presente por muitos meses, sempre no primeiro domingo de cada mês, evidencia uma apropriação bastante popular dos eventos da guerra. E no entanto, nesse período somente em cinco ocasiões a *Resenha Científica* incorporou assuntos relacionados à disputa. Em 6 de agosto de 1942 a coluna aborda um tema caro à filosofia das ciências - a possibilidade da prática da eutanásia - e o faz a partir de uma história ocorrida na guerra, quando, durante uma evacuação desesperada, enfermeiras decidem sacrificar os doentes sob seus cuidados que não conseguissem acompanhar o exército em fuga. Trata-se do direito aos homens de não sofrerem nas mãos do inimigo. Em 30 de julho de 1943, na coluna intitulada Wissenintern, o Dr. Túllio defende a criação de uma instituição internacional científica, unindo e coordenando o desenvolvimento científico ao final da guerra. Em 13 de março de 1944 a coluna faz um obituário do químico letão Guilherme Ostwald, ganhador de um prêmio Nobel em 1908, e usa a guerra como forma de introduzir o falecido: “Ao aproximar-se a guerra das fronteiras da Letônia, devemos lembrar um grande letão: Guilherme Ostwald”. Em 9 e 13 de novembro de 1945, quando a guerra já estava terminada, duas colunas se dedicam à analisar o funcionamento de radares, traçando relações entre esse aparato tão importante nas ações militares, e o sistema de orientação de morcegos.

Segunda fase (1946-1949)

Em fevereiro de 1945, Getúlio Vargas promulgou um ato fixando prazo para a convocação de eleições gerais no país, uma atitude que foi considerada pela oposição como um mero artifício para Getúlio manter o poder por mais algum tempo. Mesmo dentro de órgãos de imprensa tão ligados ao regime, o contexto político causou desgastes. Cassiano

Ricardo tentou encontrar investidores para descolar *A Manhã* do regime Vargas, mas ao fracassar nessa empreitada acabou demitindo-se. Era o prenúncio de grandes modificações para o jornal. Apesar do novo presidente do Brasil, Eurico Gaspar Dutra, ter sido ministro da guerra de Getúlio Vargas, e do jornal continuar como propriedade do Estado até seu fechamento em 1953, quase toda a editoria e muitos dos colaboradores do jornal foram trocados, incluindo o Dr. Túllio Chaves².

Enquanto esteve sob a direção de Cassiano Ricardo o jornal cumpriu sua função governista, sendo a voz do regime varguista. No entanto, ele nunca chegou a ser um sucesso de vendas. As edições iniciais eram mais longas e traziam matérias mais diversas¹². Das 16 páginas em 1941, o jornal passa a ter apenas 10 em fins de 1943 e chega em 1945 com 12 páginas.

Enquanto teve como titular o Dr. Túllio Chaves, a coluna não ganhou necessariamente um padrão, seguia sendo bastante heterogênea em seus assuntos, alterando temas profundos e atualizados com outros que quase nada tinha de conteúdo científico. No entanto, a *Resenha Científica* se firmou como um espaço destinado à ciência que aparecia com alguma periodicidade em um jornal diário. Vale lembrar que a ciência não possuía um espaço exclusivo nos diários brasileiros, aparecendo somente em momentos específicos: uma nova doença que surgia, o desenvolvimento de um remédio ou tratamento, a visita de um grande nome da ciência mundial. O Dr. Túllio emprestou à coluna sua grande erudição, tratando de temas muito diversos. Através da *Resenha* era possível entrar em contato com novidades da ciência, dicas de saúde, saber sobre o andamento das sociedades médicas ou simplesmente conhecer histórias curiosas da medicina e da ciência em geral.

No período entre o final de 1945 e o início de 1946 o jornal teve como editor Heitor Moniz¹³. Foi um período breve, mas onde a coluna de ciência foi retirada do jornal. Em abril de 1946 Ernani de Sousa Reis assume o posto de editor chefe do jornal, onde permaneceria até novembro de 1949. Ernani era irmão de José Reis, um dos pioneiros da divulgação científica no Brasil. Era portanto alguém que entendia o valor da divulgação e a importância de se garantir um espaço para a ciência nos jornais. Sob seu comando a *Resenha científica* voltaria às páginas de *A Manhã*, ganharia outro nome e outros autores. Renomeada como *Nota Científica*, ela seria o prenúncio de iniciativas mais ousadas ligadas à ciência.

A primeira vez que a *Nota Científica* aparece é no dia 21 de abril de 1946, mesmo mês que o novo editor assumiu, deixando claro que Ernani sabia da importância daquele espaço. Curiosamente, a coluna volta sem a indicação de seus autores. O formato, no entanto permanece rigorosamente o mesmo, uma coluna simples com poucas linhas, tratando de temas bastante diversos. É difícil afirmar quantas pessoas responderam por essas colunas não assinadas, mas dada a variedade dos temas abordados, é possível que tenham sido vários os autores. Na *Nota Científica* se identifica uma variedade maior de temas. Apesar de sua erudição, O Dr. Túllio claramente privilegiava os temas médicos (Tabela 2). Na nova coluna, no entanto, existe um equilíbrio maior entre assuntos distintos. Ao longo de 1946 fala-se de câncer, mas também da manifestação do câncer em plantas (um tema bastante avançado para a época). Fala-se de antibióticos, mas também da força dos ventos, fala-se sobre vitaminas, mas também sobre a composição da atmosfera. A coluna também apresenta uma ligação maior com os temas em voga no momento. Se a *Resenha Científica* passava ao largo da guerra, a *Nota Científica* aproveita assuntos presentes no noticiário para discutir determinados temas. É o caso das colunas de 13, 14, 19 e 20 de junho de 1946, que tratam da ciência por trás da siderurgia. Vale lembrar que exatamente nesse período entrou em funcionamento a Companhia Siderúrgica Nacional, projeto idealizado por Getúlio Vargas, mas concluído nos anos de governo de Eurico Gaspar Dutra. Nessas colunas fala-se sobre os segredos da produção de ferro gusa; sobre a manutenção de um alto-forno e sua evolução e sobre as complexidades envolvendo a operação de uma usina siderúrgica. Outro ponto digno de nota é o desaparecimento das colunas com resumo das reuniões nas sociedades médicas, uma verdadeira marca do antigo titular, Dr. Túllio Chaves.

A coluna simplesmente desaparece durante todo o ano de 1947. É difícil entender os motivos que fizeram a coluna ser interrompida por um ano inteiro. Ernani Reis seguia na direção geral do jornal e não existem motivos para acreditar que a interrupção tenha partido de sua gestão. No entanto, o jornal passava por abalos internos que podem explicar o intervalo, com mudanças em cargos chave. Em dezembro de 1946 o gerente do jornal, Octávio Lima, foi substituído

por Almério Ramos, e poucos meses depois o redator-chefe do jornal seria também substituído³. Nesse rearranjo a *Nota Científica* parece ter sido deixada de lado. Em um primeiro momento isso poderia supor um distanciamento do compromisso editorial do jornal com a divulgação científica. No entanto, 1948 traria de volta a *Nota científica*, e marcaria também o lançamento de uma empreitada muito mais ousada de divulgação: o suplemento mensal *Ciência para Todos*. O compromisso do jornal com o espaço para as ciências em suas páginas não somente seguia inabalado, era também amplificado.

O dia 5 de março de 1948 marca a volta da *Nota Científica* e no dia 28 do mesmo mês, estreava o suplemento *Ciência para Todos*, que seria publicado, sempre no último domingo de cada mês, até o encerramento das atividades do jornal, em junho de 1953.

Passar de uma coluna pequena, publicada de forma mais ou menos periódica, para um suplemento mensal parece de fato uma enorme ousadia. Especialmente se observarmos que o suplemento possuía, em sua primeira edição, 12 páginas, o mesmo número de páginas do jornal em si. Era portanto um material robusto. Não se tem notícia de um jornal brasileiro que, até aquele momento, mantivesse um suplemento de ciência com tanto espaço. O *Ciência para Todos* era uma iniciativa revolucionária, mas que estava em consonância com o clima intelectual da época.

Entre 1948 e 1953, período em que o *Ciência para Todos* circulou, foram criados a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Um mês antes o jornal paulista *Folha da Manhã* (atualmente *Folha de São Paulo*) havia lançado a coluna de divulgação científica de José Reis (a mesma que só deixaria de ser publicada em 2002, com a morte de Reis). A ciência definitivamente ganhava espaço no [Brasil](#)¹⁴.

Para coordenar essa grande empreitada, Ernani Reis convidou seu sobrinho Fernando de Sousa Reis, que era então professor auxiliar no Colégio Pedro II, e coube a este montar a equipe que conduziria o *Ciência para Todos*, e também a *Nota Científica*, pelos próximos anos. Fernando convocou um grupo de professores envolvidos com divulgação científica: Oswaldo Frota-Pessoa, Ayrton Gonçalves da Silva, Roberto Peixoto, Newton Dias dos Santos e Fritz de Lauro, entre [outros](#)¹⁴.

207

Parece claro que existe uma conexão entre a volta da *Nota Científica* e o lançamento do suplemento. Se o jornal se arriscava ao lançar um suplemento mensal tão grande quanto o próprio jornal, cultivar o público interessado em ciência com notícias curtas ao longo dos dias parecia ser uma decisão óbvia. A *Resenha Científica*, e posteriormente a *Nota Científica*, haviam estabelecido um espaço cativo para a ciência nas páginas de *A Manhã*, e não havia por que abandonar esse espaço logo agora que ele seria aumentado.

Na quarta-feira, dia 24 de março de 1948, quatro dias antes da estreia do suplemento *Ciência para Todos*, a coluna, não assinada, traz uma menção à iniciativa do jornal. No final da coluna está escrito: "Sr. Rafael Piscioti, Paraíba do Sul, Est. Rio de Janeiro- A resposta à consulta que nos foi feita será publicada na seção especializada 'Pergunte o que quiser saber' do novo suplemento 'Ciência para Todos' que este matutino lançará no próximo domingo. Sua resposta, deste modo, inaugurará a seção."¹⁵

Logo a coluna ganharia um novo autor titular, um dos nomes trazidos ao jornal por Fernando de Sousa Reis para compor a equipe de *Ciência para Todos*: Oswaldo Frota-Pessoa assinaria 69 das 70 colunas entre maio e dezembro de 1948.

Oswaldo Frota-Pessoa exemplifica muito bem as características da equipe de divulgadores organizada por Fernando de Sousa Reis. Jovem (a equipe era formada por pessoas entre 25 e 35 anos), professor e muito interessado em pesquisa. Frota-Pessoa era médico, mas em suas próprias palavras, havia feito medicina na ausência de uma formação voltada exclusivamente à biologia ou à botânica:

Até o início da década de 1930, quando foram criados os primeiros cursos de História Natural, englobando Biologia, Geologia e Mineralogia, praticamente só existiam os cursos de Medicina, Direito e Engenharia. Por exemplo, eu sempre quis ser botânico, mas, para isso, tive de cursar Medicina. Quem quisesse ser astrônomo, devia fazer Engenharia e, para ser historiador ou escritor, era preciso ir para uma faculdade de Direito.¹⁶

Frota-Pessoa passa então a desempenhar uma dupla função no jornal: ao mesmo tempo que contribui com o suplemento mensal, passa a assinar a *Nota Científica*. Ele seria o segundo maior colaborador da coluna, com um total de 69 *Notas Científicas* escritas (Tabela 1). Sob sua autoria a coluna segue sendo bastante eclética: fala-se sobre a ciência da televisão (06/07/1948), progressos em microbiologia (30/06/1948), descobertas sobre o Homem de Neandertal (01/08/1948), que dividem espaço com outros assuntos de grande apelo popular, como “A reabilitação da margarina” (em 28 de maio de 1948) ou a ciência do envelhecimento de vinhos (25/09/1948). Muitas de suas colunas tratam de temas ligados à física, o que se justifica pela importância que esse assunto assumia na ciência nacional nos últimos anos: um ano antes havia sido descoberto o méson pi, com a participação de César Lattes, o maior feito da ciência nacional até aquele momento, despertando grande interesse do público por temas ligados à física. Não se pode ignorar também que a física havia passado a fazer parte do imaginário popular desde o fim da guerra, aumentando o interesse por notícias ligadas especialmente à física de partículas. Frota-Pessoa era certamente um homem de grande erudição, mas o fato de escrever tanto sobre física, um tema que não era de sua predileção, mostra que havia uma estratégia de conquistar leitores usando temas de interesse popular na *Nota Científica*.

Frota-Pessoa marca um grande avanço na forma como a coluna é escrita: se comparamos com as colunas escritas pelo Dr. Túlio Chaves, encontramos muito mais conteúdo científico e muito mais referências a pesquisas de ponta. Praticamente não existe mais espaço para a mera curiosidade, para histórias pitorescas ligadas à ciência, ou para os casos médicos tantas vezes citados na época da *Resenha Científica*. Em sua nova fase, a coluna ganha muito em qualidade e interesse.

208

Frota-Pessoa encontra oportunidade também para falar de seu tema preferido, e com o qual faria carreira: a genética. Tendo sido um dos pioneiros dessa ciência no Brasil, estagiou no laboratório de André Dreyfus na USP, durante a estadia do geneticista Theodosius Dobzhansky em São Paulo¹⁷. Em 4 ocasiões é esse o assunto que aborda na *Nota Científica*, introduzindo temas bastante avançados, como os experimentos pioneiros de Morgan com drosófilas (03/06/1948), a herança de caracteres (04/12/1948 e 18/12/1948) ou a genética de gêmeos (29/12/1948).

Uma única coluna é escrita por outra pessoa durante a titularidade de Oswaldo Frota-Pessoa. Na quinta-feira, dia 21 de outubro de 1948, outro colaborador do suplemento *Ciência para Todos*, Werner Gustav Krauledat, escreve a coluna intitulada “Um Provérbio” (Tabela 1).

Krauledat, que foi um dos maiores colaboradores do *Ciência para Todos*, era químico, escreveu somente essa coluna *Nota Científica*, e imprimiu nela uma abordagem muito distinta da que se observa nas colunas de Oswaldo Frota-Pessoa. Krauledat parte do famoso provérbio “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura” para dissertar sobre a física por trás do desgaste observado nas pias com o pinga-pinga inesgotável das torneiras. Um tema popular e uma abordagem bastante simplista. Interrompendo pontualmente uma longa lista de colunas escritas por Pessoa, ela deixa claro que Frota-Pessoa fazia uma divulgação científica de muita qualidade, abordando temas complexos com criatividade e encontrando uma linguagem capaz de dialogar com o público de não-cientistas.

Em 1949 Oswaldo Frota-Pessoa para de escrever a coluna. Quem assume inicialmente é Newton Freire-Maia, mais um pioneiro da genética brasileira oriundo da USP. Maia faria uma brilhante carreira científica, especialmente na Universidade Federal do Paraná, para onde se transferiu em 1951. Em 1949 ele era professor da USP, e não deixa de ser curioso que estivesse colaborando com a coluna em um jornal carioca. É interessante ainda que, diferente de Oswaldo Frota-Pessoa e Werner Gustav Krauledat, Maia não era colaborador do *Ciência para Todos*. O conjunto de suas colunas não mostra o mesmo ecletismo dos colaboradores anteriores. Newton Freire-Maia fala quase exclusivamente daquilo que domina: a genética. Nesse ponto, no entanto, aborda temas muito avançados. Suas colunas tratando de evolução trazem de volta termos de difícil apreensão pelo público: polimorfismo, tetraploidia e muitos nomes científicos. O fato

de não ser do Rio de Janeiro, associado à seu estilo pouco popular talvez explique porque ele contribuiu somente com 11 Notas Científicas, entre janeiro e fevereiro de 1949 (Tabela 1).

A coluna retornaria à uma linguagem mais acessível em suas últimas aparições. Após as participações de Newton Freire-Maia, assume um importante colaborador de *Ciência para Todos*, Ayrton Gonçalves da Silva, então professor do Colégio Pedro II, que entre 26 de fevereiro e 23 de março de 1949 escreveria as três últimas colunas *Nota Científica* (Tabela 1).

Tabela 1. Número de colunas escritas por cada colaborador

Nome	Número de contribuições
Não identificado	90
Túllio Chaves	135
Oswaldo Frota-Pessoa	69
Newton Freire-Maia	11
Ayrton Gonçalves da Silva	3
Werner Gustav Krauledat	1

É difícil explicar por que a coluna não aparece mais em *A Manhã*. O grande projeto de divulgação científica do jornal, o suplemento *Ciência para Todos*, prosseguia sob a direção de Fernando Reis, e com a mesma equipe. Não havia, portanto, um afastamento editorial do jornal das questões de ciência. No entanto, uma análise das temáticas abordadas nas colunas *Nota Científica* e no *Ciência para Todos* indica que havia um afastamento entre essas duas iniciativas de divulgação dentro do mesmo jornal. Os assuntos abordados ao longo do mês em *Nota Científica* não eram aproveitados em reportagens mais longas no suplemento mensal. É provável que, diante da ousadia do suplemento mensal, com suas grandes reportagens e sua abordagem muito mais profunda, não fizesse mais sentido a manutenção do formato simples e conciso da *Nota Científica*.

209

Considerações finais

As colunas dedicadas à ciência nas páginas de *A Manhã* constituem documentos de uma época em que a ciência ainda buscava se firmar como assunto de interesse geral. Não havia até então iniciativas que garantissem um espaço de interlocução entre cientistas e a população, e a ciência só aparecia nos periódicos de grande circulação quando havia alguma grande descoberta, ou algum grande evento científico. Nesse contexto, uma coluna dedicada exclusivamente aos temas da ciência deve ser encarada como um grande avanço.

A observação do conjunto das colunas evidencia sua evolução como meio de divulgação científica. Inicialmente, sob a tutela de seu primeiro grande colaborador, a coluna se mostrava muito heterogênea, e por vezes com pouco conteúdo científico. O Dr. Túllio escreveu diversas colunas sobre temas que podem ser classificados como “curiosidades” (Tabela 2). Ele também dedica muito espaço à divulgação de assuntos médicos, não necessariamente de interesse do público geral. É o caso das 19 colunas sobre as seções nas academias científicas (Tabela 2). Mas observa-se também um esforço para abordar assuntos de óbvio interesse popular, como nutrição e saúde.

Tabela 2. Tema predominante nas colunas ao longo dos anos

Tema	Número de colunas		
	1941-1945	1946-1949	Total
Medicina	35	19	54
Curiosidades	30	13	43
Biologia	11	23	34
Filosofia	17	13	30
Física	6	20	26
Relatos de seções científicas	19	3	22
História da Ciência	7	9	16
Remédios	7	7	14
Genética	1	13	14
Nutrição	10	2	12
Psicologia	6	0	6
Geologia	1	6	7
Botânica/agricultura	2	5	7
Química	0	6	6
Antropologia	3	3	6
Novas tecnologias	0	5	5
Siderurgia	0	4	4
Astronomia	1	2	3
Total	156	153	309

Em sua segunda fase, quando deixa de ser escrita pelo Dr. Túllio e muda de nome, passando a se chamar *Nota Científica*, a coluna deixa de ser escrita por um médico e passa a ser escrita por “homens de ciência”, muito mais ligados à atividade de pesquisa. Isso se reflete em seus temas, que passam a ser mais diversos. Praticamente desaparecem as meras “curiosidades” e os relatos das sociedades médicas, e temas mais atuais passam a ser frequentes: a física nuclear; a siderurgia que chegava ao Brasil; as novas tecnologias como a televisão e principalmente, as novas ciências que se desenvolviam a passos largos, como a biologia e a genética (Tabela 2). Falando cada vez para um público mais amplo, com uma linguagem mais acessível, as colunas de divulgação científica de *A Manhã* foram uma espécie de balão de ensaio, que demonstrou a existência de um público interessado em ciência. Paralelamente, a coluna lapidava seus temas e sua linguagem, se conectando mais com os acontecimentos do mundo, com as novas tecnologias e com as ciências nascentes. Ao longo de sua existência, ao disseminar a noção da importância da ciência e das novas tecnologias na busca por melhores condições de vida, as colunas de ciência de *A Manhã* estabeleceram as bases que dariam origem à empreitada mais ousada e profunda de divulgação na imprensa brasileira até aquele momento, o suplemento *Ciência para Todos*.

Notas e referências bibliográficas

Luiz Mors Cabral é professor do Departamento de Biologia Celular e Molecular do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: luizmors@id.uff.br.

- 1 RICARDO, Cassiano. *O Brasil no original*. São Paulo: Editora Hélios, 1937. Pág. 233.
- 2 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. Pág.381.
- 3 FGV/CPDOC. *A Manhã*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_eqp_amanha.htm>. Acessado em 25 de abril de 2020.
- 4 DEMARCHI, Ademir. *Letras e artes, suplemento do jornal A Manhã*. TRAVESSIA. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura - ISSN 0101-9570 - Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- 5 SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Série Estudos 97 Estudos e Projetos, 1979. Pág. 80.
- 6 MASSARANI, Luisa. *A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20*. Orientadores: Lena Vânia Ribeiro Pinheiro e Ildeu de Castro Moreira. Rio de Janeiro: IBICT-ECO/UFRJ, 1998. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação).
- 7 MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro (org.). *Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002. Pág. 50.
- 8 MENDES, Marta Ferreira Abdala. “Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958)”, tese de doutorado em história das ciências e da saúde, Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. 2006.
- 9 Museu da História da Medicina do Rio Grande do Sul. Disponível em <http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=sys_bio_bibliografias_notas&submenu=4&metodo=0&id=114>. Acessado em 28 de abril de 2020.
- 10 *A Noite*, edição 11063, de 27/11/1942. Coluna social, pág. 9. Consultado na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Consulta realizada em 01 de maio de 2020.
- 11 *A Manhã*, edição 38, de 21/09/1941. Consultado na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Consulta realizada em 30 de abril de 2020.
- 12 SILVA, Marina Ramalho e. *Ciência para todos/* – Rio de Janeiro : Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005. 98 p.: – (Cadernos da Comunicação. Série Estudos; v.13)
- 13 FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Manhã*. In: ABREU, Alzira Alves (Coord.) *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. Vol. III.
- 14 ESTEVES, Bernardo. *Domingo é dia de ciência: história de um suplemento dos anos pós-guerra*. Azougue Editorial, 1 de jan. de 2006
- 15 *A Manhã*, edição 2031, de 24/03/1948. Consultado na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Consulta realizada em 22 de abril de 2020. Pág.4.
- 16 CARMO, Cely da Silva. *Grandes Mestres da Ciência Brasileira- André Dreyfus*. Editora da USP. Junho de 2002. Pág.22.
- 17 FROTA-PESSOA, Oswaldo. Living history-biography: a rambling rationalist. *American Journal of Human Genetics*, v. 63, p. 585-602, 1996.

[Artigo recebido em Maio de 2020. Aceito para publicação em Dezembro de 2020]